



GT 70. Processos identitários coletivos e lutas territoriais

Coordenador(es):

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Claudia Mura (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

O objetivo do presente GT é buscar agregar reflexões empíricas sobre os processos identitários coletivos que têm nas lutas territoriais um elemento-chave. O intento é, precipuamente, impulsionar reflexões sobre quais fatores dão vida a processos de luta, em situações históricas e configurações específicas. Parte-se da hipótese de que a articulação e a consolidação de coletivos têm sua base no parentesco e em alianças políticas, bem como em experiências vividas e desenvolvidas localmente, ao longo do tempo, considerando-se, por exemplo, aspectos econômicos, ambientais, cosmológicos e rituais, a partir de configurações de poder específicas. Compreende-se, portanto, a relevância e pertinência, por exemplo, dos conceitos de conhecimento tradicional local, formulado por Ingold e Kurttila, e de morfologia social, elaborado por Mauss, sem deixar de atentar que estes desconsideram configurações diferenciadas de poder ao longo do tempo, bem como processos de constrição territorial, aspectos que vieram a ser ressaltados pelos conceitos de situação histórica e processos de territorialização, cunhados por Pacheco de Oliveira. O desafio, de fato, é analisar como, caso a caso, constrições territoriais impostas pelo Estado e por agentes privados são administradas, com base em modos de vida desenhados (sempre dinamicamente) por grupos domésticos e comunidades políticas locais, antes que necessariamente por grupos étnicos pré-definidos como tais.

Discutindo os deslocamentos que constituem a unidade do agrupamento familiar extenso dos Guarani Nhandewa na Tekoa Ywy Porã

Autoria: Patrícia Carola Facina (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Dra. Mércia Rejane Rangel Batista

Agrupamentos familiares Guarani Nhandewa ocuparam tradicionalmente um território no norte do Paraná, onde hoje localiza-se o município de Abatiá. Nesta localidade foi instalado, por volta de 1932, o Posto de Atração Krénau pelo então Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Decorrido alguns anos da existência do Posto ocorre uma epidemia de febre amarela, o que levou sua extinção e ao deslocamento desses indígenas para outros territórios. Segundo os registros e relatos, podemos dizer que majoritariamente as famílias Guarani Nhandewa se fixaram em uma terra, a cerca de 12 km do Posto, que veio a ser denominada de Terra Indígena (T.I) Laranjinha. Após décadas, em 2005, famílias Guarani Nhandewa moradoras na T.I Laranjinha realizaram a ação identificada por eles enquanto a retomada das terras do Posto Velho, sendo, após a ação, rebatizado com o nome de Tekoa Ywy Porã (Aldeia Terra Bonita). Nos propomos a partir da pesquisa realizada analisar os deslocamentos constituídos pela situação colonial (BALANDIER, 2014) sobretudo em duas situações: a colonização do norte do Paraná e a atuação do SPI. A partir destas situações, e sobretudo da retomada, temos como objetivo neste work discutir a formação do atual agrupamento familiar extenso da Tekoa Ywy Porã, percorrendo com isto as trajetórias territoriais e as experiências vividas por estas famílias que antecederam a formação desse agrupamento familiar extenso. Destacamos que uma das famílias extensas Guarani Nhandewa, vivia na T.I Pinhalzinho e teve suas vidas marcadas pela situação de ?viver em fazendas? no final da década de 1980 e início de 1990, experiência que marcou o processo identitário deste agrupamento e que, com a saída das fazendas, através do acionamento de outro agrupamento, passou a morar na T.I Laranjinha, tendo enfrentado processos de questionamento sobre a pertença indígena. Consideramos que estas trajetórias, vivenciados com sua parentela, levou ao acionamento e elaboração de novas articulações étnicas, ampliando suas redes de parentesco e desencadeando na configuração que se



expressa atualmente na formação do agrupamento familiar extenso da Tekoa Ywy Porã. Ressaltamos ainda que, após a retomada, identificaram a possibilidade de um viver bem com seus parentes, enfrentando novos desafios em torno da reelaboração cultural Guarani Nhandewa, que vem sendo explicitadas por meio das tensões em torno das expectativas sobre casamentos interétnico em oposição aos chamados casamentos mistos, dentre outras situações. Como fio condutor destas discussões nos utilizamos da conceituação de situação histórica, proposta por João Pacheco de Oliveira, como meio de explicitar os atores que são acionados nestes processos de territorialização e reelaboração cultural.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: